



Blumenau em cadernos

Eventos em destaque na Fundação Casa Dr. Blumenau em 1982

- 22 de março — Centenário de nascimento de Edith Gaertner - 1882-1982
- 07 de abril — Dez anos de Instituição da Fundação "Casa Dr. Blumenau" - Lei 1835, de 7/4/72.
- 1º de julho — Cinco anos de atividades da Biblioteca Ambulante pioneira em Santa Catarina.
- 30 de agosto — Trinta anos de atividades da Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller - Lei 354 de 30/08/1952.
- Novembro - Jubileu de 25 anos da revista cultural "Blumenau em Cadernos" - 1957-1982.

TOMO XXIII - Nº 5

MAIO 1982

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Maio de 1982

Nº 5

SUMÁRIO

Página

A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:	130
TREZE PALMAS	131
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	137
SESQUICENTENÁRIO DE NASCIMENTO	143
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	144
UMA VISITA AO OESTE CATARINENSE	146
A REPERCUSSÃO, NA IMPRENSA ALEMÃ,	148
UMA CASA EM ENXAIMEL	149
ILHOTA: TEMPOS E CONTRATEMPOS	153
ACONTECEU... Abril de 1982	156
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	158

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — “Blumenau em Cadernos” completa, em novembro deste ano, 25 anos de circulação, cuja primeira edição ocorreu em novembro de 1957. Eis porque estamparemos na capa desta revista, durante todo o ano, a foto do seu fundador, **Prof. José Ferreira da Silva**, numa homenagem ao saudoso historiador. (O clichê foi confeccionado e gentilmente oferecido pela CLICHERIA BLUMENAU LTDA.)

A História de Blumenau revela:

Os arruaceiros da Colônia e a atitude do diretor processando caluniadores — Carta ao Presidente da Província desculpando-se e em defesa do bom nome do ordeiro povo Blumenauense —

“Ilmo. e Exmo. Snr.

Corando ainda hoje de cólera e indignação da ignominiosa cena jogada em vergonha desta Colônia na ocasião da partida de V^a. Excia. no domingo próximo passado e inaudita nos anais da mesma desde sua fundação, julgo de meu estrito dever, dar a V^a. Excia. alguns esclarecimentos sobre a mesma, afim de que o opróbio não recaia sobre a população inteira desta Colônia, nem sobre todos que pertenceram ao grupo tumultuário. Com exceção de uns poucos ainda estes eram e são ordeiros e decentes; os grosseiros e brutos entre eles vieram para cá de Teresópolis e um só diretamente da Alemanha. Mas todos foram incitados por intrigas e maliciosas sugestões e parte ainda pela aguardente, prodigalizada na mesma manhã.

A cena foi causada e se suscitou da seguinte maneira:

Em 5 deste mês, uma deputação dos habitantes da Itoupava entregou a V^a. Excia. uma petição sobre o mau estado dos caminhos deste distrito da Colônia, que se acha ainda nas minhas mãos por tê-la recebido do Snr. Friedenreich só na noite do dia 6. Na manhã deste último dia, sábado, eu declarei a Augusto Gloeden senior e júnior em presença de V^a. Excia. que um seu requerimento entregue era cheio de revoltantes mentiras. Retirando-se ambos para sua casa, um homem insuspeito ouviu dizer o filho ao pai que agora devia ser chamada ou mandada vir toda a gente da Itoupava. E assim foi feito, indo o próprio Gloeden e declarando a diferentes moradores daquela parte, no mesmo sábado, que V^a. Excia. queria pessoalmente ver a falar a todos, que quanto maior número vinha para apresentar-se, tanto melhor, e que assim o participem aos demais habitantes. Além disto e ainda no mesmo sábado o referido rapaz declarou em diferentes partes, que eu era um vil mentiroso e que o negócio ainda não era acabado, tendo sido felizmente suficiente testemunhas, já mandei citar o rapaz por causa de injúria. Assim, a cena foi preparada no sábado e no domingo o malicioso aqulamento e a aguardente fizeram o resto.

Entregando-me à esperança de que V^a. Excia., justiceira como é, não há de considerar como cúmplice ou responsável daquela vergonhosa cena de brutalidade e intriga a população inteira ou a diretoria desta Colônia, resta-me ainda dizer que eu hoje mandei citar a Augusto Gloeden Júnior, pelo crime de calúnia, visto que me acusou perante V^a. Excia. de prevaricação, alegando que minhas informações, prestadas a V^o. Excia., eram falsas ou falsificadas, e que o guarda-livros Wendenburg mandou citar a Augusto Gloeden pelo mesmo crime, tendo ele no sábado, maliciosamente e por mais de uma vez, alegado que tivesse pago ao dito guarda-livros 300 ou mais mil réis, sem saber onde

ficasse esta quantia, pertencente ao Governo e — assim como eu tenho a suprir — no seu tempo regularmente escriturada em quatro livros e incluída no respectivo balancete trimestral, apresentada à Tesouraria, achando-se no Livro da Caixa, à fls. 50 e no dito Mestre fls. 5 e fls. 10, sob a data de 15 de outubro de 1865, abonadas as respectivas quantias de Rs: 179\$200 e 136\$800, de que o Gloeden ou seu procurador recebeu o competente recibo. Esperamos ambos que a autoridade policial nos haja de fazer a devida justiça, estando resolvidos, de apelar por todas as instâncias em caso que a mesma aqui não nos seja feita.

Deus Guarde V^a Excia. — Col. Blumenau, 9 de agosto de 1970
Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa, Presidente da
Provincia.

O Diretor — Dr. H. B. O. Blumenau”.

Treze Palmas

José Ferreira da Silva

Tudo começou quando um astrólogo passou pela cidade.

Aliás, aquela trintena de casinhas de pau-a-pique nem se poderia chamar cidade. Era-o, apenas, pela circunstância de ser sede de um extenso município, tão pobre quanto ela.

Ficava bem aquele grupo de moradias, pintadinhas de branco, rodeando a igreja tosca e uma casa maior, um sobrado de cinco janelas de frente, no alto de uma colina aonde se chegava por estreito e coleante caminho, calçado de pedras roliças, meio tomado pela erva daninha.

Vista cá de baixo, a cidadezinha parecia um daqueles recantos de presépio, com as moradas de Belém enfeitando a árida paisagem de um trato da Judéia. Somente que aqui nem tudo era deserto.

Havia grupos de árvores do lado sul e, bem na entrada da cidade, onde ficava a praça fronteira à igreja, erguiam-se, esbeltas, sempre abanando os largos leques de suas folhas à constante aragem de leste, treze lindas palmeiras, plantadas em linha, alvos de carinhoso cuidado por parte do senhor Prefeito e da colenda Câmara de vereadores.

E com muita razão. Aqueles conspícuos exemplares de uma das mais ricas espécies da família das palmáceas haviam dado o nome a Treze Palmas. Mereciam, assim, a respeitosa veneração e o zelo amoroso do governo e da gente trespalmenses.

Treze Palmas vivia a existência feliz dos pequenos centros do interior do Estado. Tinha o seu padre e a sua farmácia. Uma casa de comércio onde se vendia de tudo, desde o vestido de seda ao penico de barro. Uma tipografia onde o professor Tibúrcio, da escola mista de primeiras letras, imprimia o semanário “A Luta”, as participações de casamentos, os convites para os bailes do clube “Sempre Alegres”, aos

compassos da Lira Trezepalmense e os programas dos circos quando algum muito raramente, ali aparecia. E havia também uma casa de pasto com um hospedeiro gordo e falador para quem só havia uma criatura importante no lugar: ele mesmo.

A vida ali era um paraíso. Calma, tranqüila, escorria, dia após dia, sempre a mesma. Sempre as mesmas pessoas às janelas, sempre a mesma gente pela praça, os mesmos cochichos e os mesmos falatórios, a mesma prática do reverendo Toledo, nas missas dos domingos. Monótona, mas feliz.

Uma coisa preocupava o senhor Prefeito e os homens do legislativo: a estagnação em que a cidade vivia. Não ia pra frente. Passava ano e ela continuava a mesma. Não havia casa nova, nem festa, nem missa, nem nada que não fôsse tudo igualzinho ao do ano passado.

Até que um dia, descido de uma kombi do Departamento de Estradas de Rodagem, bateu à porta da hospedaria um sujeito gordo e calvo, tipo alegre e fanfarrão que foi logo dizendo ao taverneiro:

— Puxa! Até que enfim livre do raio dessa estrada! Que castigo, gente, pra se chegar a este lugar! Mas, dizem que, por aqui há sossego

A princípio, o dono do albergue não gostou da excessiva comunicabilidade do novo hóspede. Mas, foi se acostumando às suas expansões, aos seus palavrões e, em pouco, eram amigos e passavam horas inteiras a conversar e a rir, contando aventuras e anedotas, cada qual mais mentirosa e mais pornográfica. Veio, assim, a saber que o recém-chegado dedicava-se ao estudo e à prática da astrologia, da quiromancia e de outras ciências ocultas, terminadas, ou não, em ia.

Em poucos dias lera as mãos de tudo quanto era trezepalmense de dinheiro, dito a sorte das honestas matronas do lugar e consultado a abóbada celeste para saber o que os astros contavam do futuro daquela gente boa e daquele tão pacato recanto da terra brasileira.

Encheu os bolsos de boas notas de mil e quando a Kombi passou de volta, quinze dias depois, o homem voltou a pedir uma carona e tocou-se para donde viera, ninguém sabia de que lado. Mas, antes, foi despedir-se do Prefeito, um dos seus mais assíduos consulentes:

— Pois é, doutor. (Para ele, todo prefeito tinha que ser doutor). Não se esqueça do que lhe disse. Esta cidadezinha é um paraíso de paz, de tranqüilidade. Mas é um lugar muito atrasado. Resiste heroicamente aos embates do progresso. E sabe por quê? Pelo nome. Treze é número de azar. Enquanto Treze Palmas se chamar assim, não irá pra frente.

Sua Excelência, a princípio sorriu. Que teria lá a ver o nome com o destino da cidade. As palavras do astrólogo, entretanto, quais bichos em fruta podre, esfuracavam-lhe a consciência, remexendo-a. Há coisas, na vida, que a gente não sabe explicar. Muitas vezes já os revirando-a, convencendo-a de que o homem bem poderia ter razão. nomes de certos indivíduos não influíram, decisivamente, no futuro dos portadores? Um sujeito chamado Estrangulino, como o pobre diabo do fiscal da Prefeitura, com a vida sempre atrapalhada, a mulher

doente e dois filhos débeis mentais, poderia ter a vida de outro jeito senão mesmo estrangulada?

Comunicou as suas dúvidas ao senhor presidente da Câmara. Este, por sua vez, as transmitiu aos doze outros senhores Vereadores.

Puxa! E não é que os edis trezepalmenses também eram em número de treze? Só agora a coincidência revestia-se de significado especial e tomava enorme vulto nas altas considerações da edilidade, um tamanho que passou a preocupá-la seriamente.

E, na primeira reunião do legislativo, o senhor Presidente que acumulava as altas funções públicas com as de padeiro e, nos domingos e dias de guarda, com as de organista da matriz, expôs aos seus pares a inquietação das altas esferas locais.

Se as palavras do astrólogo tivessem, realmente, algum sentido, era preciso mudar o nome da cidade. Assim é que não poderia perdurar. Por causa de uma porcaria de nome, não era possível que Treze Palmas continuasse, pelos anos afora, marcando passo, sem sair do lugar, sempre na mesma e enervante imobilidade.

Não contava, é verdade, o Município com muitas possibilidades. Mas poderia, pelo menos, adiantar-se um pouquinho, arrastando-se, para dar um passo, levantava hoje uma perna e amanhã outra.

E solicitava sugestões à nobre edilidade.

Levantou-se um tipo espigado, de basta cabeleira negra em desalinho, nariz adunco e lábios grossos. Era dono de uma bodega, fora da cidade. Olhou os seus colegas, meio encabulado, e gaguejou meia dúzia de frases com que quis significar fossem deixadas as coisas como estavam. Ele, durante toda a sua carreira de bodegueiro, jamais sentira azar no número 13. Ao contrário. Era um número de sorte. Um freguês de muitos anos, vinha todos os sábados à tarde ao seu boteco. E só saía depois de ter engolido e digerido 13 copásios de pinga. Da boa, porque pra beber porcaria não precisaria sair de casa. E era preciso que fossem, precisamente, 13 copos. Nem meio mais, nem meio menos. Pois bem: esse freguês era o homem mais bem arrumado do lugar. Um ricaço com muita saúde, muito gado e eitos e mais eitos de terra da melhor.

Mal o homem se sentara, levantou-se outro vereador. Desta vez um baixote, meio gordo, de longos bigodes e uma respeitável careca. Era adversário político do que deixara a tribuna e nunca perdia vaza em aplicar-lhe uma boa lambada.

— Esta casa já sabe, senhor edil, o que o seu milionário dos treze tragos vai fazer aos sábados na sua venda. Se V. Excia. procurasse indagar aonde ele vai, entre o sexto e o sétimo copação, descobriria que o número treze é de muito azar, não para o freguês mas para o meu digno colega!

Era motivo de segredinhos e cochichos entre as nobres damas da "haute gomme" de Treze Palmas, que o ricaço freguês do edil comerciante, num intervalo das suas semanais libações, deixava o boteco e "eu vou um instantinho lá fora" entrava ao lado, na residência do vendeiro, onde a esposa deste, Dona Mafalda, um lindo palminho de

cara, esperava-o, disposta a apagar-lhe os vapores, que já lhe subiam à cabeça excitada pela cachaça e pelo apetite sensual. E eram tais as minúcias, que já se sabia até que a saída se dava, impreterivelmente, entre o sexto e o sétimo copo.

O primeiro orador envermelheceu. Ao contrário do que se dizia dos maridos enganados, ele fora dos primeiros a descobrir. Mas, sempre e mui prudentemente entendia que os tostões do milionário valiam bem mais que a tolice dos ciumes. E fingia ignorar a razão das cronológicas escapadas do seu freguês. Entretanto e sem perder a calma, retrucou meio azedo:

— V. Excia. olhe para o seu rabo; do meu, eu mesmo cuido!

O outro já estava tornando a levantar-se para retrucar-lhe com outros desaforos, quando o senhor Presidente, advinhando o rumo que a coisa ia tomando, com um sorriso brejeiro sob os fiapos do bigode ralo, tocou a campainha e determinou, enérgico:

Nada disso! Tem a palavra o professor Tristão!

O mestre-escola alçou a sua esguia figura, sacudiu a cinza do cigarro, pigarreou duas vezes e fixou o olhar no teto do egrégio recinto. Nunca deixava de olhar alguns instantes para cima antes de começar os seus discursos. Parecia estar a pedir inspiração aos gênios da sua reverência. E começou, medindo as palavras:

— O senhor Presidente tem razão. Nós etamos reunidos para concluir se deveremos mudar o nome da nossa querida Treze Palmas e não para agitar problemas de fidelidade conjugal. Deixemos em paz as nossas queridas metades e discutamos se o número 13 dá, ou não dá azar. Dá, senhor Presidente, dá azar e muito! Basta olhar para esta edilidade. Somos 13. E qual é de nós que não anda com a vida azarada? O Prefeito já não nos paga a ajuda de custo há cinco meses. O governador nem se digna de responder às nossas sugestões. O nosso reverendo vigário, quando resolve rezar uma missinha aos domingos, fá-lo a toque de caixa, louco para voltar para a sua fazenda para cuidar do seu gado e da sua secretária que o ajuda a redigir um memorial à Santa Sé enumerando as enormes vantagens da abolição completa do celibato clerical. Dizem, por aí, que o nosso Delegado tem tanta autoridade que deixou as cuecas num quarto de sala de baile que estava policiando. O nosso...

O presidente tocou a campainha e chamou a atenção do professor para que deixasse a vida alheia e se ativesse ao tema do azar do número 13 e da troca do nome da cidade.

— Eu não estou falando mal da vida alheia, sr. Presidente. Estou enumerando provas de que Treze Palmas anda de azar por causa do nome.

Uma voz grossa interrompeu o orador:

— Minha mulher, sempre que põe galinha a chocar mete uma ninhada de 13 ovos. E não gora um. Treze ovos, 13 pintinhos. Prova de que o número não é azarado.

Outra voz, também grossa e fanha, argumentou do outro lado da sala.

— Dá azar, sim! A mulher do estafeta do correio de um lugar meu conhecido, enquanto foi tendo doze filhos, ano após ano, manteve-se séria, um modelo de virtudes e de prendas domésticas. Depois que chegou o décimo terceiro, virou galinha que não foi graça...

O Presidente tocou a campainha com raiva:

— Senhores, considerem o decoro desta casa. Não a transformem em galinheiro, por favor. Ainda está com a palavra o professor...

O mestre-escola prosseguiu:

— Mas há, senhor Presidente e senhores Vereadores, um meio de libertar a nossa cidade do azar, sem grandes complicações nem grandes mudanças. É o senhor Prefeito mandar cortar uma das treze palmeiras e decretar que a cidade, daí em diante, passe a chamar-se Doze Palmas.

Outro edil interrompeu, furibundo:

— Protesto! Isso é que não! Se quiserem mudar o nome de Treze para Doze Palmas, mudem. Mas, cortar uma das palmeiras, isso nunca! Foi o meu bisavô quem mandou plantá-las. E, enquanto este seu bisneto estiver em condições de ir puxando o folego, ninguém toca em alguma delas! Seria um desaforo que a minha raça não toleraria.

Fez-se profundo silêncio. Os Vereadores, estupefactos, olhavam-se, sem saber o que dizer. O protestante era um homenzarrão, tido como o homem mais valente e desabusado de toda a redondeza. Todos o temiam, desde o vigário ao Prefeito. Desbocado e atrevido. Não contava até dois nem três para dizer a verdade na cara de qualquer um. Era só provocá-lo.

O mestre-escola, depois de alguns instantes de constrangimento, atreveu a perguntar:

— E o que V. Excia. sugeria para resolver o intrincado problema?

— Não sugiro coisa nenhuma. Treze Palmas nasceu Treze Palmas e assim pode, muito bem continuar. Azar é besteira. Mas se vocês, seus bobos, quiserem mudar o Treze para Doze, têm, entre vocês mesmos, uma solução muito fácil, que está na cara. Dentre as damas que compartilham da sorte dos senhores Vereadores aqui presentes, há seis que andam na boca dos trezepalmenses, como jovens senhoras na frente partidárias do amor livre. E já que sugerem a mudança para o número doze, batizem a cidade de Doze chifres! Assim...

O homem tentou dar as razões dos seus argumentos, mas nem mesmo a campainha, soada com violência, conseguiu acabar com o verdadeiro charivari que acabou com a sessão. Foi porretada pra todo lado e inclusive o senhor Presidente foi pra casa com a cabeça arrebatada.

Parece que aquela memorável reunião do colendo legislativo, acabou com o azar de Treze Palmas. Ela, ainda hoje, continua com o mesmo nome, mas vai progredindo. De vagar, mas vai.

Telefones em Blumenau

S. C. Wahle

Blumenau possuía telefones de manivela que, bem ou mal, funcionavam no início da década dos 20s. Entretanto, o avanço do progresso exigiu que o sistema telefônico fosse atualizado e, para isso, o Sr. Max Hering, um dos diretores da Companhia Hering, tomou a iniciativa. Contratou, na Alemanha, o Eng. Paul Werner, mais tarde presidente da Electro Aço Altona S. A. O Eng. Werner, para ser bem sucedido, selecionou também na Alemanha, cinco a seis técnicos instaladores especializados. Estes técnicos, pessoas de bem, trabalhadores e capazes no ofício, tinham, no início, certas dificuldades de adaptação. Por esta razão, vez por outra, aos sábados, ao terminar a tarefa semanal, reuniam-se para uma cerveja, cujo hábito traziam de sua terra de origem.

Uma vez, entretanto, num sábado na Casa São José, um hotel que ficava na rua 15 de Novembro, defronte ao Colégio Santo Antônio, entre as propriedades Moellmann e Wahle, estavam em companhia de suas esposas, se excedendo um pouco. Não havia nenhuma gravidade, pois dentro de uma grande alegria cantavam canções alemãs, matando as saudades. Em um certo momento, levantaram-se os homens e foram procurar um lugar para aliviar-se do excesso das bebidas. Naquela época, a Casa São José, não possuía ainda instalações sanitárias dentro do hotel, e sim, fora, em um pátio para as quais tinha que se dar a volta ao prédio mais os estábulos. Não indo até os fundos, e sim, junto aos estábulos, passaram a urinar, contando piadas e dando risadas em voz alta. A família Moellmann, composta de muitas senhoras e moças, achou que eles estavam sendo inconvenientes. Por essa razão, o Sr. Moellmann não teve dúvidas e chamou a polícia. O muito eficaz delegado de polícia, Capitão Euclides de Castro, apelidado de Canudinho, não se fez esperar. Os homens, já de volta às suas mesas, em companhia de suas esposas, foram violentamente retirados pelos policiais e, sob ameaças de sabres e empurrões, levados ao carro do delegado. Aí começou o tumulto: meu pai foi chamado, o Sr. Moellmann foi chamado, até que resolveram chamar o Eng. Werner, responsável pelos mesmos. Até que se serenassem os ânimos, passaram-se quase duas horas. Os alemães foram soltos, todos se cumprimentavam, os policiais despediam-se dos alemães e eles, com o tremendo susto, estavam novamente sóbrios.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

Bruno que a tudo ouvia, incentivou ainda mais seu irmão:

— Claro, Hermann! Nada de lamentações. A desgraça, os prejuízos, as águas já fizeram. Nós somos “peixes” e para os peixes, água e vida. Com a ajuda de Deus, tudo será novamente reerguido e em breve a fábrica estará produzindo novamente como bem disse Hermann, minha querida Minna.

Elise, que olhava do morro as casas, viu que as águas começavam a descer lentamente, deixando nas paredes das casas a sua marca.

— Olnem lá, disse quase gritando de alegria. As águas estão descendo!

No terceiro dia, à tarde, as águas baixaram, deixando um mar de lama barrenta. E as crianças, descalças, ao deixarem os abrigos, ali brincavam pulando e sapateando, enquanto os Hering e as demais famílias procuravam as suas casas. Paul voltava de Brusque, onde passara os dias da enchente. Ali fora afim de pintar um pano de boca para um salão que era também teatro.

Ao chegarem em casa, todos se empenharam na remoção da lama e dos destroços.

Bruno, ajudado por Paul, improvisado de pedreiro, procurava recimentar os alicerces da casa das máquinas. Minna, Elise e Johanna, limpavam as máquinas, móveis, etc.. Margarethe, desajeitada, com Gertrud ao colo, tomava conta de Max que brincava, todo sujo de lama.

Uma semana depois, Hermann fez um ligeiro balanço e confessou:

— Tudo poderemos reconstruir, mas temos pouco capital.

— Venderemos o que Elise conseguiu salvar, Hermann — disse Bruno, procurando atenuar a situação.

— Bruno, o que se salvou mal dá para passarmos alguns dias. Foi muito pouco o que Elise conseguiu salvar.

— Hermann, eu acho que devemos nos aconselhar com o Dr. Blumenau sobre os nossos problemas e ouvir a sua opinião. Afinal, ele já passou por esta prova em 1855 e a sua Colônia sobreviveu, graças à sua férrea energia.

— Bruno, o Dr. Blumenau quase perdeu tudo. Na sua casa as águas chegaram ao telhado. O seu prejuízo é enorme. Ele tem os seus problemas e os de todos. Devemos poupá-lo. Os nossos problemas nós teremos de resolver. E haveremos de encontrar uma solução.

Sempre foi norma do Dr. Blumenau, depois dessas calamidades como a de 1855, assistir com a sua ajuda os seus colonos, levando-

lhes não só o estímulo e a confiança, como também, não raro, até a sua ajuda material.

De fato, o Dr. Blumenau programara viagem à Província e à Corte, em busca de socorros para a sua Colônia, tão duramente castigada pela enchente.

Ao visitar os Hering, depois de inúmeras outras visitas, levou-lhes não só a confiança de dias melhores, como também colocou à sua disposição o capital de que necessitassem para o reerguimento da sua indústria.

Hermann, agradecido, ao se despedir, disse-lhe, comovido:

— Dr. Blumenau, eu aprendi com o amigo a mais sábia lição de toda a minha vida!

— Muito bem, Hermann! E qual foi essa lição?

— A da sua presença!

— A da minha presença, Hermann?!

— Sim, Dr. Blumenau! A da sua presença. Todo o sucesso da sua Colonização deve-se à sua presença em todos os fatos e acontecimentos havidos, quer bons e alegres, quer tristes e catastróficos.

Em todos os momentos que vivem e viveram os seus colonos, eles contaram sempre com a sua presença, que leva-lhes o estímulo, a confiança e até a ajuda material. É, pois, nesta presença que reside todo o sucesso da sua importante empreitada, Dr. Blumenau!

Posso lhe afirmar, Dr. Blumenau, que voltarei a produzir as "Malhas Hering". E a lição da sua constante presença jamais esquecerei e será esta também o meu dogma: Um Hering estará sempre presente, como dirigente maior de sua indústria. Pois somente assim venceremos, promovendo a multiplicação dos teares!

— Muito bem, Hermann. Estou feliz em saber que, de uma certa forma, contribuí para a continuação das "Malhas Hering". E posso lhe assegurar que será sempre uma grande indústria no futuro.

— Muito obrigado, Dr. Blumenau! Desejo-lhe uma boa viagem e melhores sucessos, junto ao Governo da Província e na Corte.

— Obrigado, Hermann! Com a ajuda de Deus, pretendo voltar antes do Natal.

— Boa viagem, Dr. Blumenau!

VII

Logo depois que as águas desceram e a lama foi retirada da casa das máquinas, Bruno, pacientemente, de martelada em martelada, ia desenferrujando o tear que passou a produzir logo no começo de outubro. Isto em 1880.

Todos os Hering, sob a direção de Hermann, se distribuíram nas várias tarefas, pondo a fábrica a produzir. Entretanto, o estoque de fios cada vez mais baixava, o que muito preocupava os irmãos Hering, pois sentiam que não poderiam atender as encomendas e para que Bruno começasse a viajar.

Uma pequena remessa de fios chegou e foi o suficiente para se

poderem fabricar camisetas, ceroulas e meias. E assim, Bruno pôde fazer a sua primeira viagem de vendedor.

Alguns dias depois, radiante e feliz, ele voltava sem uma peça. Ao contrário, trazia muitos pedidos para serem entregues antes do Natal.

Hermann viu o estoque de fios e comentou:

— Bruno, com os fios que temos e se não chegarem os que encomendamos no Rio de Janeiro e em São Paulo, os teus fregueses vão ficar sem mercadoria para o Natal.

— O que é que se pode fazer, Hermann?

— Nada meu irmão, nada, infelizmente. Mais tarde, num futuro próximo, Bruno, precisamos pensar numa pequena fiação própria. Pois somente assim nos libertaremos da dependência do fio alheio.

— Cadê capital, Hermann?

— Ele virá com os anos e com o trabalho, Bruno!

Infelizmente, os fios não chegaram e os primeiros pedidos dos fregueses de Bruno não puderam ser entregues antes do Natal.

Em fins de novembro, o Dr. Blumenau regressou, trazendo a ajuda governamental e até do exterior, além de uma especial, de regular monta, dada pelo Imperador, para socorrer os colonos do Dr. Blumenau.

Tudo, na Colônia, depois de muita luta, voltava à normalidade.

Tão logo regressara, o Dr. Blumenau, abrindo a correspondência, encontrou um convite do Governo Provincial do Rio Grande do Sul, para que os industriais da Colônia participassem da Feira Industrial de Amostras, de Porto Alegre, a se realizar no começo de 1881.

O Dr. Blumenau, ofício na mão, correu para a fábrica dos Hering.

— Veja, Hermann. Leia este ofício. É a grande oportunidade de vocês concorrerem e tornarem as “Malhas Hering” conhecidas em todo o Império.

Hermann Hering, depois de ler o ofício, consultou o seu pessoal. E logo após a resposta afirmativa de todos, febrilmente, com o pequeno estoque de fios que ainda tinham, produziram malhas bastante para que Johanna e Nanny, num trabalho de muito capricho, cuidado e amor, numa semana pudessem costurar nove dúzias de camisetas, ceroulas e algumas meias, para poderem concorrer à Exposição de Porto Alegre. Imediatamente entregaram ao Dr. Blumenau, que se incumbiu de remeter com as mercadorias dos demais concorrentes de sua Colônia que, pela vez primeira, participavam de uma Feira de Amostras, no Império!

VIII

No dia de Natal, Hermann Herinz fez questão de, à tarde, visitar o Dr. Blumenau com toda sua família, para levar os seus votos de Boas Festas.

Elise, Johanna, Nanny e Margarethe, nos seus vestidos novos, levavam, cada uma, um presente para a Família do Colonizador.

Elise levava o do Dr. Blumenau, Johanna o de Bertha Louise e Nanny o das filhas Gertrud Klara de 9 anos e Cristine Amália, de 10 anos, um ano mais moça do que Nanny. Pedro Hermann estava ausente, estudando na Alemanha.

Depois dos cumprimentos e entrega dos presentes (camisetas), o Dr. Blumenau, ao abrir, curioso, o seu, comentou:

— São lindas e muito bem feitas. E estes dois peixinhos cruzados estão muito bem bordados.

Nanny, rápida, interrompeu o Dr. Blumenau:

— Foi mamãe quem bordou!

— Muito bem bordados — disse também Bertha Louise. Minna, com um gesto de cabeça, agradecia.

— Mas, afinal, o que significa estes dois peixinhos, Hermann?

— Estes dois peixinhos, Dr. Blumenau, bordados na altura do peito, somos Bruno e eu, pois como bem sabe, Hering é peixe. Aliás, um dos melhores, completou sorrindo.

— Quer dizer então, Hermann, que estes dois peixinhos cruzados, de hoje serão, tempos em fora, a marca registrada das “Malhas Hering”?

— Exatamente, Dr. Blumenau; futuramente toda a nossa mercadoria trará esta marca bordada, impressa ou de qualquer outra forma. Estará presente em todos os nossos produtos.

— Excelente idéia, meus parabéns, Hermann!

— E a Exposição de Porto Alegre, Dr. Blumenau?

— Já remeti os produtos Hering e também de outros colonos. Vamos aguardar o resultado. Eu penso que até maio devemos saber alguma coisa.

— É sempre bom, Dr. Blumenau, expor as nossas mercadorias. É um bom meio de ampliar a sua área de penetração.

— Sem dúvida, a propaganda muito concorre para a conquista de novos e melhores mercados e as exposições são uma excelente propaganda.

— Vamos ficar, pois, na expectativa, Dr. Blumenau.

IX

Assim que os Hering pagaram a primeira amortização do empréstimo feito pelo Dr. Blumenau, compraram os lotes do Bom Retiro.

— Vocês compraram ótimos lotes. Muita mata, uma boa cachoeira e, o que é o principal, livres das enchentes.

— Mais tarde, daqui há alguns anos, os nossos teares, quando multiplicados, serão movidos à roda d'água, Dr. Blumenau.

— Muito bem, Hermann.

— Por enquanto e ainda durante algum tempo, ficaremos onde estamos; vamos ampliar um pouco para melhorar o ambiente de trabalho.

Tudo corria bem, não só para os Hering que faziam planos para o futuro, como para a própria Colônia, depois dessa catástrofe da última enchente.

O Dr. Blumenau, cada vez mais lutava pela instalação do município, sempre protelada pelos poderes públicos, não obstante a Lei Provincial Nr. 860, de 4 de fevereiro e o Decreto Imperial nº 7.630, de 20 de abril de 1880. O Dr. Blumenau tudo fazia por transformar a sua Colônia em município. Todavia, a burocracia era um sério entrave à realização desse seu maior desejo.

Logo no começo de maio, o Dr. Blumenau recebeu dos promotores da Exposição de Porto Alegre, ofício conferindo a "Gebruder Hering" medalha de prata e a comunicação de ser ela a única existente em todo o Império Brasileiro!

Foi um dia de festa para os Hering, quando o Dr. Blumenau levou a eles o ofício e a medalha.

— Aqui está a medalha de prata, Hermann, conquistada por vocês na Exposição de Porto Alegre. Meus parabéns para todos!

— Será mesmo possível que tenhamos ganho a nossa medalha, logo na primeira exposição a que concorreremos? — disse Hermann, eufórico.

Hermann reuniu todo o pessoal para, orgulhoso, ler e mostrar o diploma, como também a medalha conquistada.

— Aqui está a medalha, meu irmão e meus filhos. Ela é o prêmio mais alto do nosso trabalho executado com tanto capricho e amor.

— Este prêmio será o estímulo para novas conquistas, — dizia Bruno, entusiasmado — e tornará as nossas malhas conhecidas em todo o Império.

— Hermann, satisfeito com as palavras do irmão, ordenou a Elise:

— Elise! Vai até lá em casa e traz o licor e os cálices, para comemorarmos. Não acha, Dr. Blumenau?

— Excelente idéia, Hermann!

Bruno, surpreso, exclamou:

— Imaginem só, somos a única fábrica de malhas em todo o Império Brasileiro!

X

Todavia, a melhor notícia naquele maio inesquecível, não fora apenas a da medalha, mas a que despontou no dia 8: o advento do primeiro Hering brasileiro!

— Corre, Nenny, à casa do Dr. Blumenau — ordenava Hermann, nervoso e feliz, à sua filha caçula, dá-lhe a boa nova e convida-o, bem como a toda sua família, para logo mais a tardinha, virem à nossa casa tomarem um cálice de licor, em homenagem ao teu novo irmão brasileiro!

Nanny saiu em louca disparada, entrando porta adentro, na

casa do Dr. Blumenau. E na sala, onde todos almoçavam, disse, ofegante e gaguejando:

— Dr. Blu...me...nau! Pa...pai...

— Fale logo, menina, — E virando-se para sua senhora: traga-lhe um copo com água de açúcar!

Nanny, de tanto correr, mal conseguia dizer:

— Pa...pai...

— Toma a água, descansa um pouco e depois fala, minha querida. Ela, ligeira, esvaziou o copo e dissei sorrindo:

— Nasceu o meu irmão brasileiro, Dr. Blumenau!...

— Maravilhoso, Nanny! Maravilhoso, minha querida — dizia Bertha Louise — satisfeita, beijando, carinhosamente Nanny.

O Dr. Blumenau, sua esposa e as duas filhas, alegres, beijaram Nanny, felicitando-a pelo feliz evento.

Ela, contente e faceira, continuou:

— Papi pediu para o Dr. Blumenau e toda a sua família, hoje à tardinha, irem lá em casa, a fim de tomarem um cálice de licor. E falando baixinho ao ouvido do colonizador que sorria. Elise e Johanna estão na cozinha, fazendo doces. Hoje lá em casa ninguém trabalha na fábrica!

— Ótimo, muito bem, Nanny! Volta, mas não vai correndo, vai devagar e diz ao seu Papi que nós estaremos lá à tardinha, sem falta. Não é, Bertha?

— Claro, Estaremos todos lá, Nanny e dá um beijo no teu irmãozinho e na feliz mamãe!

— Então, até logo para todos!

Eram pouco mais de cinco horas da tarde, quando o Dr. Blumenau e todos os seus chegaram à casa dos Hering.

Hermann fumava um grande charuto, presente de Bruno, que olhando satisfeito para o irmão, lhe disse:

— Hermann, a criança só se parece mesmo com criança quando nasce!

— Não, Bruno — dizia o pai convencido — este puxou a mim, enquanto que Paul é a cara de Minna!

— Bem, se você quer assim, eu concordo!

Depois do jantar festivo, com o recém-nascido ao colo, disse Hermann, faceiro a todos que se achavam na sala:

— Aqui está, Dona Bertha Louise, Dr. Blumenau e demais presentes, o primeiro Hering brasileiro e, com ele, começa a nacionalização dos Hering. E a ele, como o primeiro brasileiro da família, lhe estará reservada, no futuro, uma das tarefas mais importantes de sua vida: a multiplicação dos teares Hering!

— Muito bem, Hermann, tarefa digna de um Hering brasileiro. Mas como se vai chamar o novo herdeiro?

— Curt, te apresento, mais uma vez, ao Dr. Blumenau!

Depois das despedidas, todos se retiraram.

Minna dizia baixinho, para não acordar o menino:

— Hermann! Baixa bem o pavio do lampião. Não é bom dormir com muita claridade.

— Boa noite, Hermann!

— Boa noite, minha querida, dorme bem!

(Continua no próximo número)

Sesquicentenário de nascimento do Padre José Maria Jacobs - 1832-1982

No dia 16 de maio corrente festejou-se o sesquicentenário de nascimento do primeiro vigário da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, o Padre José Maria Jacobs. Nasceu em Dürren na Alemanha no ano de 1832. Em 1849, aos 17 anos ingressou na Congregação dos Padres Redentoristas. No ano de 1854, a 2 de fevereiro, professou os votos perpétuos ordenando-se Padre a 23 de dezembro de 1856 aos 24 anos de idade, na Catedral de Baltimore nos E. U. A.

A sua vinda para a Colônia Blumenau é fruto de reiterados pedidos do Dr. Blumenau junto ao Governo Imperial Brasileiro para atender a comunidade católica da Colônia. Como se sabe as primeiras levadas de imigrantes que se estabeleceram na Colônia foram os evangélicos luteranos. O número de colonos católicos nas primeiras décadas era muito reduzido. Para atender as suas necessidades espirituais estes católicos se dirigiam a Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar ou aguardavam as esporádicas visitas do Padre Gattoñe, Zielinski. Impossibilitados de frequentá-la construíram uma singela Capela na atual área da Igreja Matriz.

Ante aos insistentes pedidos dos colonos católicos, o Dr. Blumenau conseguiu a contratação oficial do Padre Guilherme Romer que permaneceu na Colônia no período 1869/1872. Em 1873, o Governo Provincial criou a Freguesia de Blumenau. Com a vinda de novas levadas imigratórias, o número de católicos aumentou consideravelmente em 1875 com a chegada dos italianos. A falta de um padre se acentuou ainda mais. Finalmente a 16 de Setembro de 1876 veio para assumir a Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau o Padre José Maria Jacobs. Bom orador, culto, poliglota, cômico do seu apostolado, não mediu esforços para atender os fiéis que viviam espalhados na Colônia em torno das dez capelas que atendia. Sua maior obra no entanto, se desenvolveu junto ao ensino. Foi o fundador do Colégio São Paulo, no qual ministrava aulas para o primário e já no segundo ano para o curso secundário. Com o auxílio de mais dois professores ensinava música com aulas de piano e violino. Deste Colégio originou-se o atual Colégio Santo Antônio.

As suas relações com o Diretor da Colônia dado ao seu tempera-

mento enérgico, e ardoroso em realizar seus planos criaram divergências e questões com o Dr. Blumenau. Foi o caso da Igreja Matriz um exemplo. O fato desta não ter uma sacristia provocou protestos do Vigário. Como não foi atendido pelo Dr. Blumenau gerou uma troca de cartas que foi solucionado com a construção feita pelo vigário. Apesar destes contratempos e divergências o Diretor da Colônia e Vigário mantinham um mútuo respeito.

Com a proclamação da República e a conseqüente queda do Imperador Pedro II o inconformismo de José Maria Jacobs o levou a entrar em atrito com a política das leis republicanas vigentes.

A separação Igreja e Estado, a Instituição do Casamento Civil antes do religioso, provocaram grandes dissabores para o vigário. Doente, cansado, e sem forças para continuar regendo a paróquia, transferiu para os Padres Franciscanos alemães, que haviam chegado à Santa Catarina, o Colégio São Paulo e a direção da Paróquia.

Em 16 de junho de 1892, embarca rumo ao Rio de Janeiro pretendendo seguir viagem para a Alemanha — sua terra. A sorte lhe foi ingrata, quando ainda se encontrava no Rio adoeceu vindo a falecer em 1º de agosto de 1892. A comunidade Blumenauense sentiu com pesar a perda de tão ilustre figura que dedicou 16 anos de sua vida sacerdotal a causa da nobre vida missionária.

Gostaríamos nesta ocasião de prestar a nossa homenagem e este valoroso pregador de almas que tão nobremente soube renunciar ao conforto e prazeres do mundo materialista, dedicando-se integralmente a edificação espiritual e progressista da cidade.

Suely Vanzuita Petry
Arquivo Histórico.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excerto do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862. Artigo publicado a 11 de dezembro de 1875:

SAMBAQUIS

O professor Wiener, encarregado pelo Ministério da Agricultura, em companhia do sr. C. Schreiner, naturalista e funcionário do Museu Nacional, de pesquisar os sambaquis da costa meridional do Brasil, recebeu o seguinte relato do sr. Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional.

"As opiniões dos raros peritos no assunto, divergem quanto à origem do sambaquis. Tudo indica, no entanto, que estas acumulações de cochas marítimas, semelhantes em tudo aos "restos de cozinha" da Dinamarca, também foram formadas pela mão do homem e amontoa-

das pouco a pouco, pois misturados às cascas das conchas e às espinhas de peixe, se encontram, como nos "restos de cozinha" da Europa e da América do Norte, cacos de vasilhas toscas de barro, utensílios de pedras semelhantes aos das tribos do Interior e, enfim, esqueletos de seres humanos que parecem enterrados em diversas épocas e, conseqüentemente, se encontram nas diversas camadas de sambaquis. De acordo com as minhas recentes observações, numa grande extensão da província do Rio Grande do Sul, sobre os vestígios dos habitantes primitivos daquela região, os sambaquis ao longo da costa da Província, pareciam ser de época bem mais recente, e estas acumulações devem ter sido amontoadas durante invernos sucessivos, por tribos que, fugindo ao frio rigoroso das planícies do Interior, procuravam o clima ameno da costa, onde durante mais ou menos quatro meses, se dedicavam exclusivamente à pesca, que lhes fornecia fartas provisões para o seu regresso. E mais eu me convenci desta minha suposição quando, nas escavações feitas em alguns sambaquis do Rio Grande do Sul, notei que ali prevaleciam justamente espinhas de peixes que aparecem de preferência na temporada do inverno. Peco a sua especial atenção para este fato e cito, como prova cabal da origem dos sambaquis, os sinais de fogueiras encontrados nas camadas interiores destes montes artificiais, sobre os quais, provavelmente, os selvagens acendiam as suas fogueiras noturnas, como ainda hoje o fazem nas costas das províncias do Paraná e do Espírito Santo, em alguns lugares mais avançados, que eles escolhem para as grandes pescadas do inverno, da mesma maneira como os seus antepassados. Outro detalhe dos mais importantes para o esclarecimento da origem dos sambaquis, é a posição dos esqueletos dos mortos destas tribos nômades, durante a época da pescaria.

Nas diferentes camadas devem existir cacos de vasilhames de barro e mesmo vasilhas inteiras, formatos e enfeitos toscos, idênticos àqueles que encontrei nas escavações em diversos pontos da província do Rio de Janeiro".

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

Uma visita ao oeste catarinense

Nestor Seara Heusi

Integrando um grupo de 15 pessoas da "Hering" "Ceval" e "Seara/Safrita", malhas, soja e aves e suínos, respectivamente, partimos de Blumenau numa linda manhã de abril, dia 21, às 7 horas, em confortável ônibus executivo da Auto-Viação Catarinense, para uma excursão de quatro dias, previamente programada, a fim de, numa verdadeira maratona, visitarmos as instalações industriais da "Ceval" e "Seara/Safrita" nas cidades de Campos Novos, São Miguel d'Oeste, Itapiranga, Chapecó, Xanxerê e Seara, neste "Celeiro de Santa Catarina", como é chamado o Oeste Catarinense, uma das regiões mais ricas e belas do nosso Estado.

Frente aos panoramas, os mais maravilhosos, que se iam desdobrando ao longo do extenso percurso de pouco mais de 1.000 quilômetros, todo ele asfaltado, e em mutações paisagísticas as mais interessantes e aprazíveis, como também frente a tudo que nos foi dado ver nas cidades visitadas, inclusive Concórdia, porém, muito particularmente nas empresas citadas, que foram, aliás, o principal, senão o único objetivo da nossa excursão, bem caberia aqui esta imagem: é a obra de Deus complementada pela obra do Homem, numa perfeita simbiose entre o belo e o útil.

Quase todas as cidades em que estivemos são servidas por bons hotéis e dotadas de relativa urbanização.

Passando a abordar, agora, a parte atinente às visitas às instalações das diferentes indústrias já mencionadas, quero deixar bem claro que, daqui em diante, fala o excursionista Nestor Seara Heusi, que, de par com a sua impressão, faz os seus comentários a respeito de tudo que viu e ouviu.

Inicialmente, devo dizer que, no que tange à avicultura e à suinocultura, inclusive a sua industrialização, são coisas, para mim, completamente novas.

Assim, não fiquei apenas entusiasmado. Fiquei mesmo deslumbrado com as novidades que se me defrontaram e as quais — sucintamente, é claro — vou procurar relatar, a meu modo. Tarefa cujo desempenho me é facilitada pelas claras e minudentes explicações que nos foram feitas pelas pessoas que assessoram e dirigem os diferentes setores da indústria, todas altamente capacitadas.

O trabalho todo ele calcado em bases as mais racionais, sob métodos cientificamente estudados e criados, e dirigido e orientado por equipes de profissionais capazes, deve produzir, conseqüentemente, resultados satisfatórios.

Ambos os setores "avicultura" e "suinocultura", muito bem estruturados, causaram-me ótima impressão. Assim é que, partindo do cultivo, propriamente, das aves e suínos — do germe ao abate — passando pelas suas diferentes fases, todas elas cientificamente embasa-

das, como sejam a genética, profilaxia, esterilização, desinfecção, rações (seu preparo e dosagem) e, quiçá, outras que me tenham escapado, tudo está perfeitamente organizado e previsto, em instalações adequadas e modernas. Em todos os recintos e instalações se vêem ordem, assistência e asseio.

Quero aqui ressaltar dois fatores, para mim de suma importância. Refiro-me aos "Sistemas integrados" de aves e suínos e à "inseminação artificial".

Esses "Integrados", além de socializantes, produzem também bons resultados econômicos. Consistem nas entregas que se fazem de pintos e suínos, reprodutores e matrizes e, eventualmente, leitões (zinhos) a colonos selecionados das regiões circunvizinhas. Sob a orientação e assistência dos técnicos da "Seara/Safrita" e mediante o fornecimento das rações adequadas, esses colonos criam e cuidam dos animais (aves e suínos) até o seu ponto de abate.

Disse socializante, por isso que os colonos, convenientemente instruídos e assessorados saem de uma rotina para um trabalho sob bases racionais, além de concorrerem para o aumento da capacidade produtora da empresa contratante.

Quanto à "Inseminação Artificial", é do mesmo modo, vantajosa, visto como concorre para um maior aproveitamento do sêmen colhido, de vez que uma só coleta permite efetuar até 30 inseminações.

No que se refere à industrialização das aves e suínos, foi-me ensejado ver uma das indústrias mais sofisticadas e interessantes, pois que as diferentes máquinas e aparelhos revelam uma capacidade e engenhosidade mecânicas deveras surpreendentes, e que diz bem alto do talento inventivo do homem.

Mediante uma sincronização perfeita, os animais (aves e suínos) entram vivos no sistema e saem, devidamente pesados, esterilizados e embalados, prontos para o consumo, após haverem sofrido os vários processos de congelamento e frigorificação.

Dois detalhes vivamente me impressionaram:

1) **No Setor da "Avicultura" — "Incubatório"**, — a reprodução mecânica do mesmo movimento que faz a galinha com os ovos que está chocando, visando à sua germinação;

2) **No Setor da "Salsicharia"** — os engenhosos aparelhos que, através de operações ultra-rápidas, atam as extremidades das salsichas e linguiças.

É claro que, como já foi dito, todo o conjunto mecânico impressiona. Porém, os dois que destaquei foram os que mais despertaram a minha curiosidade e admiração.

Relativamente às instalações da "Ceval" que também visitamos, são do mesmo modo bastante interessantes, como sói acontecer com as indústrias em geral. Todavia, trata-se de um processo industrial menos sofisticado. E também porque essa indústria já me é familiar pelas visitas que fiz à unidade pioneira de Gaspar e à de São Francisco do Sul.

Cumpramos ressaltar que as unidades da "Ceval" localizadas no Oeste, nada ficam a dever às do Norte do Estado.

Eis aí, em rápida síntese, o que foi a nossa "visita ao Oeste Catarinense".

E que teve o seu término sábado, à noite, dia 24, após um percurso, ida e volta, de pouco mais de 2.000 quilômetros, quando chegamos, são e salvos, aos pagos.

Finalizando, muito nos apraz bendizer da ótima oportunidade que nos foi proporcionada de ver e conhecer coisas tão belas e interessantes, como também agradecer ao Sr. Ivo Hering, seu diretor-presidente e aos dirigentes e a todos os funcionários da "Ceval" e "Seara/Safrita" pelas atenções e carinho com que nos trataram.

A repercussão, na imprensa alemã, da visita do presidente Carstens a Blumenau

O prefeito "Oberbürgermeister" Rolf Gerich, da cidade alemã de Weingarten, dirigiu a seguinte carta a seu colega de Blumenau/Brasil:

"Weingarten, 3 de maio de 1982

Prezado colega Dr. Renato de Mello Vianna,

Inicialmente meu "muito obrigado" pela sua carta de 2 de março de 1982, carta esta, que foi lida na Câmara dos Vereadores de minha cidade. Eu, a Câmara dos Vereadores — em especial o vereador Maucher — ficamos satisfeitos, que Blumenau finalmente foi incluída no programa de visitas do nosso presidente.

Lamentamos porém profundamente — tomando conhecimento das conclusões a que chegou a nossa imprensa — que nem tudo correu segundo as nossas expectativas, e decerto também não com as suas.

Junto para a sua informação um recorte do "Frankfurter Allgemeine Zeitung", edição do dia 13.04.82, que é o jornal "líder" da nossa República Federal da Alemanha. Foi justamente este artigo que nos levou a acreditar, que esta visita não satisfaz em absoluto — motivado talvez pela emoção pre-eleitoral existente em seu país. E — para dizê-lo com moderação — é evidente, que o presidente foi "manobrado" pelo partido do governo.

Também nós lamentamos este fato. Bem desejaríamos nós, que os cidadãos de Blumenau — em grande parte de origem alemã — tivessem finalmente uma oportunidade de ter entre si um representante da República Federal da Alemanha, no qual pudessem "tocar". Isso parece ter sido malogrado.

Não obstante estes fatos, nós gostaríamos de continuar a unir cada vez mais os nossos laços de amizade. Assim desejo a V. S., a todos os cidadãos e aos nossos amigos em Blumenau — tudo de bom. Com o meu cordial abraço.

Rolf Gerich".

(Tradução do alemão: Alfredo Wilhelm)

UMA CASA EM ENXAIMEL

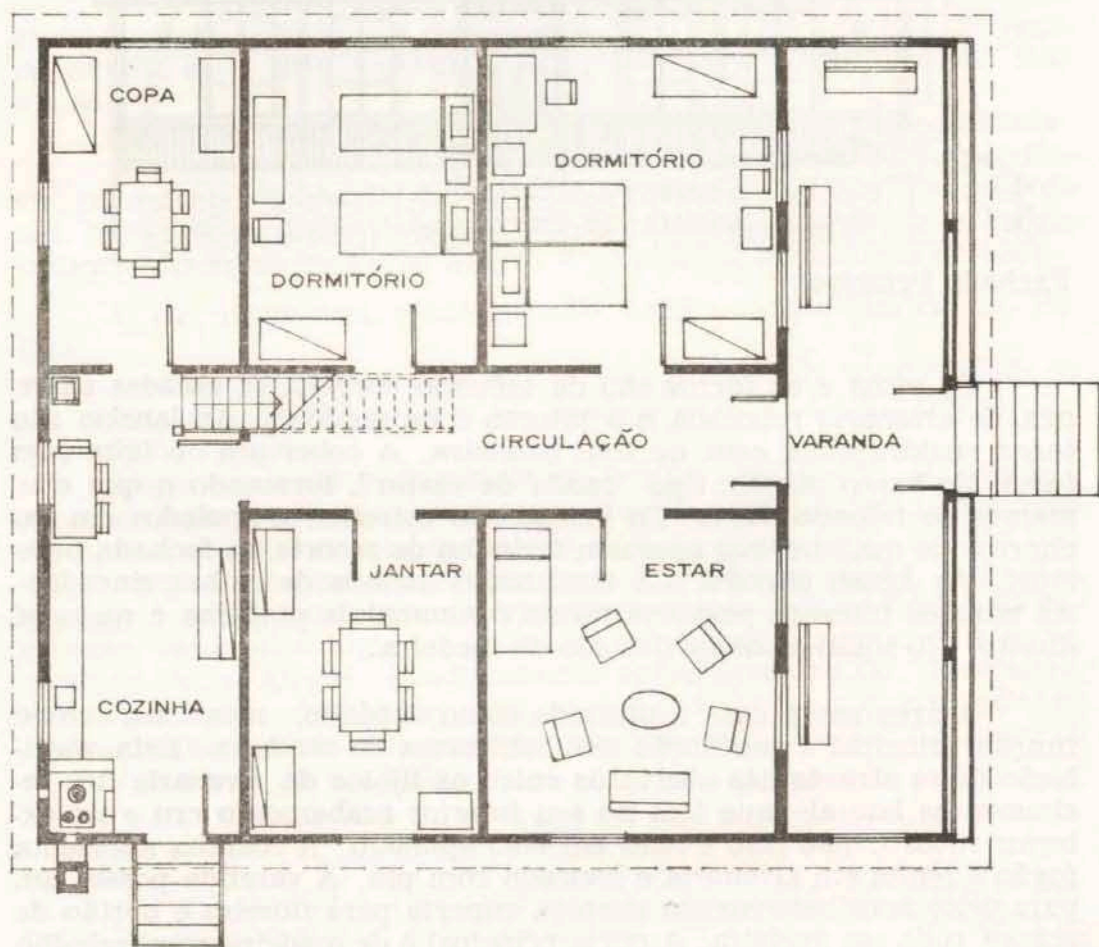
Em complemento ao artigo "Histórico das Construções em Enxaimel" (março de 1982, pags. 84 e 85)

O exemplo a ser analisado localiza-se na SC 474, no Bairro Itoupava Norte, Blumenau, SC. Foi construído em 1925 pelo Sr. Frederico Jensen, para presentear seu filho Harry Jensen por ocasião de seu casamento. A casa serviu de moradia ao casal com dois filhos e um empregado. Hoje, passados quase 60 anos, mal se lhe nota a pátina do tempo. O atual proprietário é o Sr. Arthur Loewen, genro do Sr. Harry Jensen.

O carpinteiro responsável foi o Sr. Hugo Loth, ficando o custo da obra estimado em 22 contos e 200 mil-réis (moeda da época).

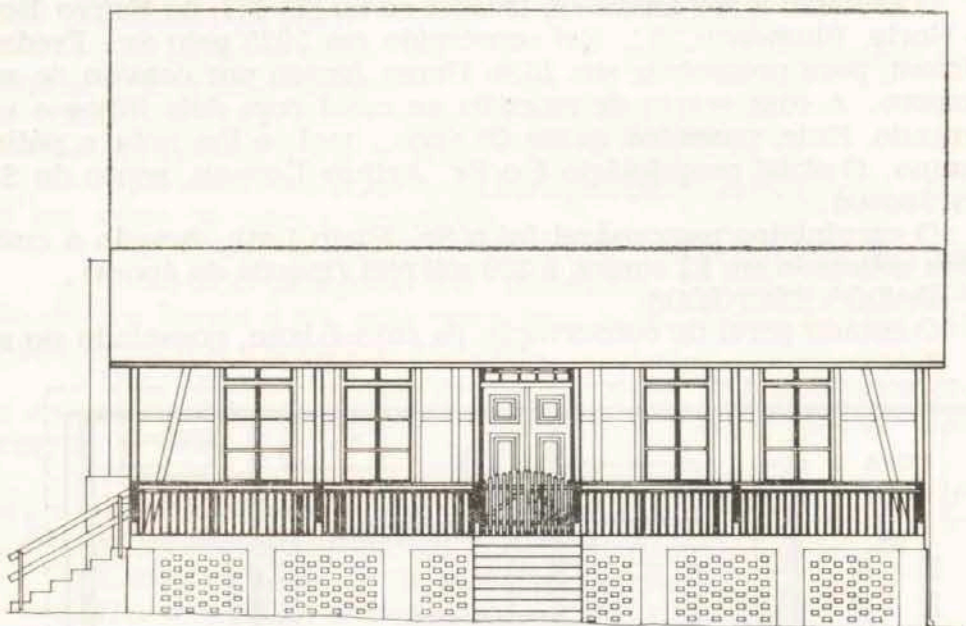
DADOS TÉCNICOS

O estado geral de conservação da casa é bom, possuindo no as-



Planta Baixa - Térreo

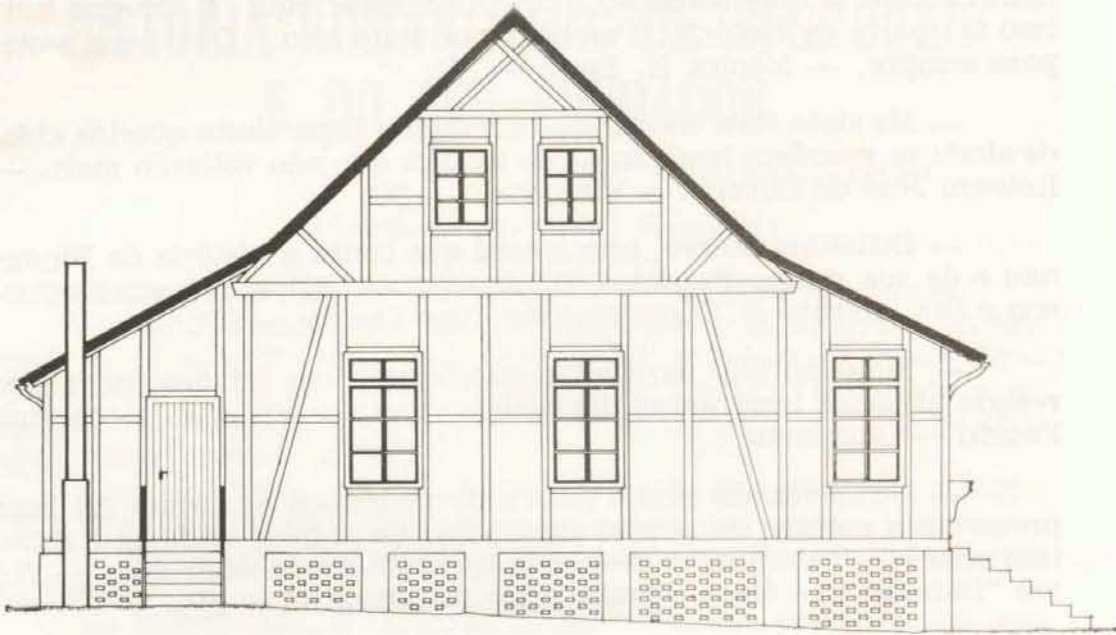
pecto externo: madeiramento tratado preto, esquadrias claras e tijolos à vista de cor natural com rejuntamento branco. A estrutura é caracterizada como enxaimel, ou seja: esqueleto de madeira e vedação de alvenaria, com o interior rebocado e o exterior de tijolo à vista.



Fachada Principal

Os pisos e os forros são de tabuado corrido, as escadas externas, de alvenaria rebocada e a interna é de madeira. As janelas são todas envidraçadas, com ou sem bandeira. A cobertura é feita com telhas de barro planas, tipo "cauda de castor", formando o que chamamos de telhado duplo. Os beirais são estreitos e apoiados em cachorros de madeira que possuem trabalho de recorte na fachada principal. As águas pluviais são conduzidas através de calhas zincadas. As paredes internas possuem faixas ornamentais pintadas a meio pé direito. No sótão as divisórias são de madeira.

A área sob a casa é utilizada como depósito, mas tem como função principal a ventilação dos baldrames de madeira. Esta ventilação dá-se através das aberturas entre os tijolos da alvenaria dos fechamentos laterais, que têm no seu interior acabamento cru e no exterior reboco. Seu piso é feito em solo apiloado. A cozinha apresenta fogão à lenha em alvenaria e bancada com pia. A varanda possui um para-peito com balaustrado simples, suporte para floreira e portão de acesso, tudo em madeira. A porta principal é de madeira com trabalho em almofadas e bandeira envidraçada para iluminação da circulação.



Planta Lateral

A porta de acesso à cozinha é feita com tabuado em saia e camisa. A chaminé apresenta-se em tijolo à vista, possuindo uma base de alvenaria rebocada.

Num galpão aberto, próximo à escada da cozinha, existem: o indispensável poço, um forno de tijolos e um tanque de lavar. Mais distante, em local isolado, temos a inconfundível privada, uma pequena dependência de madeira.

Arquiteta Silvia Odebrecht

A opinião dos que nos visitam

Nesta edição voltamos a apresentar algumas das numerosas impressões deixadas no livro de visitas do Museu da Família Colonial, por visitantes deste e de outros Estados, alguns dos quais referindo-se inclusive à cidade de Blumenau e seu povo:

— Ótimo órgão divulgador da cultura e origens dessa cidade. O livro guia foi uma excelente idéia para se acompanhar os diversos objetos aqui existentes. Quanto ao jardim, muito bom. — Jani — Rio.

— Vocês estão com um excelente acervo neste Museu. Deveriam fazer mais divulgação para o Brasil todo. Parabéns à cidade. — Maria Lúcia J. Rozedi — SP.

— Tudo isso nos leva a rememorar como o passado também é

maravilhoso. É uma sensação indiscutível estar aqui e ver que tudo isso faz parte da história. Parabéns por tudo isso. Que fique assim para sempre. — Mônica R. Bacci — SP.

— Me sinto feliz em ver que em algum lugar desta querida cidade ainda se guardam lembranças de tempos que não voltarão mais. — Roberto José de Oliveira — Blumenau — SC.

— Belíssimo acervo, este Museu que conta a história de Blumenau e de sua gente. Parabéns, Blumenau! — Carlos Ernesto Magnisson e Sra. Renate N. Magnisson de Elias Fausto — SP.

— Sinto-me feliz, ao visitar este Museu, em ver que ainda nos restam algumas lembranças dos velhos tempos antigos. — Susana Fausto — Blumenau.

— Nos sentimos muito felizes de podermos ver como foi bom preservar a cultura de nossos ancestrais. Os fundos do Museu retratam uma bela paisagem da natureza, que está sendo destruída. — Foi um “Baratão”! — Maise Peraka e Maisa Lohagen. — SP.

— O Museu está bem arrumado. Ele é muito interessante e, o que foi mais importante para mim, foi o fato de ter aprendido algo sobre Blumenau e Santa Catarina. É um museu que todos os blumenauenses e todos os turistas deveriam conhecer. Continuem conservando a memória dessa cidade, num país que não se preocupa com o passado. — Francisco E. S. Rotondaro — SP.

— O Museu da Família Colonial é um hino de amor ao Brasil, escrito com atos. Percorrendo-se este museu, sente-se crescer o orgulho de ser brasileiro. — Christiano Graffert Junior — Rio Grande do Sul.

— O respeito e o amor à tradição fazem a cultura de um povo. Parabéns pelo museu que representa muito bem a veneração e carinho que os jovens têm pelos antepassados. — Lucy e Rubem Cecchini — S. Paulo.

— De lá do Nordeste viemos nos alegrar com o culto às tradições que este povo trabalhador de Blumenau sabe manter inclusive através deste Museu. — C. Medeiros — Aracaju.

— Adoro antigüidades, e este foi o motivo pelo qual me trouxe aqui. Gostei de tudo e ao mesmo tempo toma-se um banho de cultura. Acho importante crianças visitarem museu, pois ajuda no crescimento interior e no conhecimento de pessoas e tempos antigos. Muito devemos ao Dr. Blumenau! P. Meireles Nogueira — Ribeirão Preto — SP.

— É uma oportunidade que temos para ver quão grande era o interesse de nossos antepassados pela descoberta das coisas e para

deixar à posteridade. Para quem sabe apreciar este Museu da Família Colonial de Blumenau, é uma das grandes maravilhas que Blumenau possui. Parabéns para aqueles que se dedicam à conservação de tão valiosa obra. — M.Z.Z. — Blumenau.

— Foi uma oportunidade muito interessante, para meu marido, minha filha e eu própria, podermos conhecer um pouco do muito que nós brasileiros, devemos aos imigrantes, ao visitar este Museu da Família Colonial, — Vilma Adanya. — São Paulo.

— Visitar o Museu da Família Colonial é reviver um pouco da nossa História. Fiquei maravilhada e ao mesmo tempo emocionada. — Yolanda S. Mendonça — Blumenau.

— Foi uma tarde maravilhosa que passamos, meus dois filhos e dois sobrinhos. Quanta coisa bonita e instrutiva podemos ver de nossa cidade! — Bernadete R. Olbrich — Blumenau.

ILHOTA: Tempos e contratempos de uma colônia belga

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart

1844 marcaria o ano da fundação da conturbada e politicamente agitada "COLÔNIA BELGA". Às margens do Itajaí-Açu, a 27 de novembro chegariam 90 dos 109 colonos embarcados em Ostende, no brique belga "Jean Van Evck" para, no lugar hoje conhecido por ILHOTA iniciarem o empreendimento idealizado por CHARLES VAN LEDE — o fundador da colônia.

Uma iniciativa arrojada, pois Van Lede esbarraria em toda sorte de adversidades ao seu intento, conforme relata C. Ficker: (...) atividades contrárias de alguns políticos brasileiros, na Corte, que a todo custo queriam fracassar as negociações, opondo-se à do Governo Imperial de povoar e colonizar vastas áreas desocupadas no Brasil (...) (1) e contratempos surgidos com a "Compagnie Belga-Bré-silienne" que havia sido formada para a exploração industrial, agrícola e comercial da nova colônia.

Nos dois anos de acertos e desacertos entre as partes interessadas, particulares e oficiais, tanto do Brasil, através do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império de Sua Majestade, da Assembléia Geral Legislativa, como na Bélgica, pela Associação Comer-

(1) obra cit. p. 11

cial de Bruges (2), pelo Governo Real da Bélgica e seu Ministério das Relações Exteriores, CHARLES VAN LEDE via seu projeto de colonização e comércio no Brasil enfrentar diversas negociações.

Sua viagem pelo norte de Santa Catarina em 1842 propiciou-lhe uma inspeção geológica da bacia hidrográfica dos rios Itajaí Grande e Itajaí-Mirim. Soube também da existência de jazidas de ferro e carvão mineral, tomando conhecimento, portanto, das vantagens de estabelecer uma exploração comercial e mineral nas proximidades.

Houve uma paralisação momentânea por parte do Governo Imperial em aceitar o contrato final. O recesso da Assembléia Geral Legislativa e as atividades da Companhia Belgo — Brasileira ficariam paradas.

Tais acontecimentos haviam sido previstos pelo Conselho Geral da Companhia, na Bélgica. E a solução para o problema da concessão das terras pelo Governo Imperial já se apresentava na forma de "camuflagem" do empreendimento colonial como empresa particular em nome de Charles Van Lede. A tentativa foi feita em setembro de 1844, quando Van Lede solicitaria à Presidência da Província de Santa Catarina, duas léguas quadradas de terras à margem do Itajaí-Mirim, no local conhecido como Morretes. O lote, pelo Decreto Imperial nº 11, era considerado como "terras coloniais". Porém a Câmara de Porto Belo indeferiu o pedido. Van Lede acabaria por adquirir do Major Henrique Flores uma légua quadrada de terras na margem direita do Itajaí-Açu, no lugar conhecido por "Ilhota" — devido a uma pequena ilha que lá existia (3).

Seguindo para o Rio de Janeiro, Van Lede tomaria conhecimento do despacho da primeira leva de colonos pelo Conselho Geral da Companhia, em Bruxelas.

Todos vinham de Flandres (dois operários mecânicos, deserdando do navio, ficaram trabalhando no Rio). Van Lede retorna para Santa Catarina a fim de os aguardar, juntamente com uma comitiva de autoridades provinciais e do Cônsul da Bélgica, no Destêro.

Após a chegada, nova deserção, desta feita em número de 17. Eram imigrantes que não se conformaram com a idéia de trabalharem numa terra que não lhes pertencesse. Rescindindo o contrato, foram se estabelecer em terras do atual município de São José. Seis meses depois fracassaria a tentativa. Aconteceu uma procura dos colonos por lugares próximos, tendo alguns se estabelecido na colônia alemã de São Pedro de Alcântara; outros em Passa Vinte e no Destêro.

De 27 de novembro de 1844 — data da fundação da Colônia Belga e das primeiras derrubadas da mata, a 1º de janeiro de 1845, 16

(2) era uma sociedade particular que patrocinaria o transporte e o estabelecimento dos colonos belgas. Por discordar posteriormente de alguma idéia do acordo, retirou-se das atividades da Companhia.

(3) viria a desaparecer com as grandes enchentes de 1880 e 1911

casas construídas de pau-a-pique constituíram o início do núcleo. Logo foi ampliado por outras derrubadas que iam sendo efetuadas.

Motivado por uma viagem ao rio, Van Lede deixaria o engenheiro JOSEPH PHILLIP FONTAINE como diretor da Colônia. A 28 de julho de 1845 a aprovação, com modificações, do projeto de lei da colonização pela Câmara dos Deputados e posteriormente pelo Senado fez com que a Companhia perdesse motivos reais de sua existência. Isto provocou o regresso de Charles Van Lede e sua esposa para a Bélgica. Lá prestaria informações sobre os acontecimentos ao Conselho Geral da Companhia e não mais regressaria para Santa Catarina.

Até outubro de 1845 a Colônia Belga apresentava um bom desenvolvimento. Desta época em diante, porém, desentendimentos surgiram entre colonos e a direção. Chegou o ano de 1847 e a Colônia estava sendo abandonada. Os colonos dirigiam-se para São Pedro de Alcântara e Desterro. Os que ficavam, recusavam-se ao trabalho.

O problema se arrastou com as informações indo-e-vindo das partes oficiais do Brasil e da Bélgica até que em setembro de 1847 J. P. Fontaine deixou a colônia, regressando a Bélgica. Antes, porém, teve o cuidado de transmitir a direção a GUSTAVE LEBON, firmando o fato em cartório, no Juiz de Paz de Itajaí. Desta forma, assegurava aos 63 colonos estabelecidos, mantimentos suficientes para sua subsistência. Esse ato foi suficiente para salvá-lo de um inquérito belga.

A partir de 1847 não foram introduzidos mais colonos. Em 1851 existiam na antiga Colônia Belga, Desterro, Passa Vinte e São Pedro de Alcântara, 136 pessoas de origem belga. Em 1861 haviam mais de 200 pessoas no lugar da ex-Colônia e em 1874, 22 famílias habitavam-na. Quase vinte e cinco anos depois, em 1889, 400 famílias povocavam a localidade, porém só a terça parte da população era de nacionalidade belga.

Durante algum tempo as terras da Colônia entrariam em questão. Os herdeiros de Henrique Flores reclamavam as terras que Van Lede havia adquirido. O problema ocasionou protestos, já que os colonos não possuíam título de propriedade de suas terras.

O então Cônsul da Bélgica no Desterro, HENRY SCHUTEL, havia vendido a um capitalista francês parte das terras de Van Lede, como procurador desse, num negócio ilegal. Nada podia ser provado, uma vez que Fontaine havia levado, em 1847, toda documentação existente, inclusive relações de terra e títulos de propriedades.

O caso se arrastou e foi sugerida a extinção da colônia, com a transferência do pessoal belga para outras "colonies de l'Etat".

A falta de notícias deixou um vazio no registro do tempo.

Em 1889, quando o agrimensor CAR VAN DAL iniciou o trabalho de medição para o hospital de Bruges (4), 80 moradores da Ilhota e vizinhanças atacaram-no, fazendo com que Van Dal saísse a nado pelo rio Itajaí para salvar-se.

(4) O referido hospital foi herdeiro, pela morte de Van Lede, de um dos títulos de propriedade das terras no V. do Itajaí.

— Dia 15 — Relatório da Secretaria de Saúde e Bem Estar Social apresentado ao prefeito Renato Vianna, informa que está intensificando os trabalhos de Medicina Preventiva nos 27 Centros Sociais com a finalidade de detectar doenças numa fase precoce. O número de atendimentos médicos totalizou, durante o mês de março, 16.033 pessoas. Ainda no mesmo mês, 4.193 consultas médicas e 59 visitas domiciliares feitas por um médico acompanhado de enfermeira foram registradas, além de outros serviços de atendimento médico. De acordo ainda com o relatório, durante os meses de janeiro, fevereiro e março últimos, o setor de medicina atendeu um total de 29.839 pessoas.

— Dia 15 — Realizou-se no pátio externo da FURB a apresentação, em primeira etapa do projeto "Blumenália-82", com a apresentação de nove shows, sendo sete conjuntos musicais e dois espetáculos de "ballet". A promoção, realizada pelo Departamento de Cultura municipal, Departamento de Cultura da FURB e Diretório Central de Estudantes, substituiu as apresentações do Projeto Pixinguinha.

— Dia 16 — Tendo por local o Pavilhão "A" da PROEB, realizou-se a solenidade de abertura da Quinta Exposição Filatélica Nacional, a qual contou com a participação de numerosos expositores de todo o Brasil e alguns de países sulamericanos e europeus.

— Dia 18 — Foi aberta, na Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Mueller", uma exposição especial de obras do escritor Monteiro Lobato, coincidindo, neste dia, com o registro do centenário de nascimento do notável intelectual e também com o Dia Nacional do Livro Infantil. A exposição foi promovida pela Fundação "Casa Dr. Blumenau", através da Biblioteca Ambulante e contou ainda com a colaboração do escritor Enéas Athanázio, o qual ofereceu o grande acervo de obras de Monteiro Lobato para completar a exposição.

— Dia 27 — Com uma programação especial carinhosamente elaborada, o Colégio Sagrada Família comemorou, neste dia, 87 anos de existência de excelentes serviços prestados a Blumenau através da educação das gerações que se sucederam nestes 87 anos de atividades do educandário.

— Dia 29 — Com uma solenidade presidida pelo prefeito Renato Vianna, foi inaugurada, às 17,30 horas, a nova ala de obstetrícia do Hospital Santo Antônio, que passa a contar com 19 leitos, sala de pré-parto e de parto, posto de enfermagem, sala de exames e um banco de leite humano que centraliza atividades de estímulo ao aleitamento materno.

— Dia 29 — O Departamento Municipal de Cultura promove, a partir deste dia, até o dia 6 de maio, uma exposição de fotografias, na Galeria Municipal de Artes, do fotógrafo Lorival Bento, do jornal "O Estado".

Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

IMIGRAÇÃO NA COLÔNIA DE BLUMENAU: (Segundo um relato deixado por um velho colono) — Blumenau, fins de Agosto de 1868. Os três navios hamburguêses, FRANKLIN, Comandante Bockwaldt; Viktoria, Comdte. Frenndt e LAURA, Comdte. Ebon, trouxeram 312 imigrantes adultos, 71 crianças de 5-10 anos, 87 crianças de 1-5 anos, ao todo 470 pessoas, enquanto que as listas dos passageiros acusavam apenas 467 pessoas. No Franklin nasceram durante a viagem 2 crianças, no Viktória 2 e no Laura 1 criança, enquanto que no Viktória faleceu uma criança. O estado de saúde destes imigrantes era satisfatório e, apesar do tempo chuvoso, que retardou a viagem dos recém-chegados da Barra do Itajaí até à colônia, assim também ficou. Com referência à comida e tratamento à bordo, os imigrantes declararam-se satisfeitos. Quase todos os chefes de família já tomaram posse de seus respectivos lotes e grande parte deles já deixou o galpão dos imigrantes. Em breve será esperado o navio hamburguês RALEICH, com 188 pessoas a bordo, o qual saiu de Hamburgo no dia 24 de junho. Segundo consta, aguarda-se ainda a chegada de mais 1.000 imigrantes e assim teremos neste ano um aumento de mais de 2.000 almas. O Vale do Rio do TESTO — já está completamente tomado, — Conquanto existem ainda terrenos utilizáveis, em zonas mais afastadas, isto, infelizmente não é o fato na região do alto Vale do Teste, poucos acessíveis e assim a comunicação com a vizinha Colônia Dona Francisca não será para tão breve. Em compensação iniciou-se a colonização dos vales do RIO BENEDITO e do RIO DOS CEDROS e já foram medidos ali cerca de 60 lotes de 100 geiras cada um. Também se iniciou a construção de uma via de comunicação entre o Rio do Teste e o Rio Benedito, onde já foram ocupados alguns lotes.

No dia 25 de julho o colono Posemann foi atingido, na derrubada do mato, por um tronco de árvore e teve morte instantânea. Sua própria imprudência lhe causou a morte. No dia 8 deste mês de Agosto desabou um temporal com forte trovoada sobre nossa colônia. Um raio caiu sobre o engenho de açúcar do colono Lucht, na Itoupava, ferindo uma mulher e uma criança que lá dormiam e incendiou o telhado de palha. O incêndio foi logo debelado pelos vizinhos e os feridos se acham a caminho da recuperação, não havendo maiores consequências.

No dia 3 deste mês a sociedade de cantores "Germania" festejou o 5º aniversário de sua fundação. O salão do senhor Frienreich fora festivamente ornado sob a orientação do competente presidente da sociedade, o senhor Victor Gaertner e apresentava um aspecto encantador. No programa oficial, dividido em duas partes, foram exibidas as seguintes canções:

1) — “Erhebt in jubelnden Accorden”, de Maurer; 2) — “Huettelein”, de Voigt; 3) — “Wenn ich recht heiter bin”, de Adam; 4) — “Wie wird das Herz so salig im Walde”, de Riccius; 5) — “Und hoerst du das maechtige Klingeln” de A. E. Marschner; 6) — “Integer vitae” de Fleming; 7) — “Wie herh im Glase blinket”, de Spazier; 8) — “Morgen marschieren wir”, de Stern; 9) — “Das Fraeulein ; (... 9) — “Das Fraeulein vor der Himmelstuer” de Schaeffer.

Os números das canções foram muito bem exibidos pelo coro do “Germania” e varias peças foram freneticamente aplaudidas. Após os números de canto começou o baile sendo os intervalos preenchidos com canções populares ou récitas humorísticas. A festividade terminou somente ao raiar do dia.

Sob a orientação competente do Pastor Oswald Hesse a Sociedade progrediu consideravelmente. Queira Deus que esta direção dure por longo tempo. É de se reconhecer a dedicação dos cantores vindo aos ensaios, tanto mais que a maioria não mora no povoado, o “Stadtplatz”, e terão que andar em noite escura e às vezes até sob chuva em caminhos enlameados aos ensaios que sempre eram bem frequentados. O coro masculino é ainda uma parte da vida alemã e por isso nenhuma colônia alemã deveria deixar de praticá-lo.

Talvêz seja possível, em breve, o que muito contribuiria para o cultivo do canto, reunir-se as diversas sociedades de canto das diferentes partes da colônia e vizinhas para uma apresentação comum. Estas reuniões fortalecem em nós o sentimento da solidiedade, o que é muito importante para a sobrevivência e progresso das pequenas sociedades.

A temperatura em Blumenau é muito amena, a média nos doze mezes (Agosto de 1867 a Julho de 1868) foi de 21,5°. A máxima foi constatada em 16 de Dezembro de 1867 ao meio dia, com 28,5° centígrados.

As temperaturas mínimas, medidas as 7 horas da manhã foram: 6,5° em 22 de junho; 6° em 23 de junho; 6,5° em 2 de julho; 7,5° em 7 de julho e 4° em 23 de agosto, tendo caído geada em alguns vales da colônia.

UMA FESTA DE CANTORES NO ANO DE 1868. No dia 6 de maio desse ano a sociedade de cantores “GERMANIA” desta cidade realizou em comum com a sociedade de cantores “FREUNDSSCHAFTS-VEREIN” de Itoupava uma excursão dos cantores ao Morro dos Coqueiros. Um belo domingo prometia um dia cheio de alegria e já bem cedo os participantes, a cavalo e com carros, se reuniram em frente ao salão de W. Friedenreich no centro da cidade. Os carros haviam sido enfeitados, com grinaldas e flores e com as bandeiras brasileiras e da

Alemanha, e, após os cantores terem dado início ao dia de festas com uma canção, o préstito iniciou, pontualmente às 8 horas a sua excursão, sob os acordes de uma marcha tocada por uma banda de música. Na hospedaria do senhor Stein reuniu-se ao préstito a "Freundschafts-Verein" da Itoupava e o agrupamento seguiu caminho entre canções, gracejos e música em direção a seu destino.

Chegados à taberna "Theueringer-Hof" situada ao pé do Morro dos Coqueiros (anotação: mais tarde Hotel Sprengel em frente da Estação da E.F.S.C. em Salto Weissbach) o préstito dos excursionistas parou para descanso. Após curto descanso e de terem os participantes se refrescado com cerveja, foi iniciada a escalada, carregando cada um parte dos mantimentos e bebidas, até ao cimo do Morro dos Coqueiros. O caminho, melhor dizer-se: a picada, se bem que já melhorado um pouco, apresentava ainda alguns trechos íngremes, para se chegar ao cimo, onde numa plataforma, vários coqueiros se erguiam ao céu. A vista daqui de cima é ampla para todos os lados e abre um panorama magnifico que compensa a escalada penosa. A maioria dos excursionistas ficou admirada a constatarem como a mata virgem ainda predominava o panorama, existindo aqui e acolá pequenas clareiras, iguais aos oásis no deserto, indicando a ação do colono, com suas roças nas encostas dos morros e nas planícies. Após haverem se refrescado os "alpinistas" e de terem fortalecido o estômago com as merendas que haviam trazido, ouvia-se alternadamente canções e músicas, afugentando os bugres, não acostumados com tais concertos sinfônicos. Reinava alegria geral entre os excursionistas, não faltando também um discurso enaltecendo o fato de se terem reunido duas sociedades de cantores para uma confraternização como a que ali se realizava, finalizando com o desejo que tais excursões e encontros futuramente se realizassem periodicamente. As 4 horas da tarde foi levantado acampamento, iniciando-se a descida, acelerada muitas vezes por um ou outro que, escorregando, pretendia "encurtar" o caminho nas partes íngremes. Finalmente todos chegaram são e salvos ao pé do morro e como a juventude queria fechar o dia com um baile, houve uma despedida geral entre os dois grupos, dirigindo-se os componentes da "Freundschafts-Verein" ao salão do senhor Meuche, lá para as bandas de Badenfurt e os da "Germania" para o salão do senhor Friedenreirch, no centro, afim de terminar a festa com um baile que durou até ao alvorecer do dia, reinando entre todos o propósito de, em breve, realizarem outra excursão ou pelo menos uma reunião de cantores na sede de uma ou outra sociedade. Segundo um relato do senhor Hermann Sachtleben, que tomou parte nesta excursão, no topo do morro, sob uma pedra foi enterrada uma garrafa contendo uma mensagem escrita e assinada pelos participantes, com saudações a quem futuramente encontrar a garrafa ao lavrar a terra.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf* - advogado; vice-presidente — *Rolf Ehlke* - Industrial.

Membros: *Elimar Baumgarten*, advogado; *Honorato Tomelim*, jornalista; *Ingo Fischer*, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; *Altair Carlos Pimpão*, jornalista; professor *Antônio Boing Neto*; *Arno Letzow*, comerciante; *Beno Frederico Weiers*, advogado; *Heinz Hartmann*, repres. comercial; *Prof. Olvío Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering 
BLUMENAU - SANTA CATARINA